

RAFAELA MARTINS DOS SANTOS

MEMORIAL DA REPORTAGEM “ÁGUAS CLARAS: O SUFOCO DA LABUTA”
Uma reflexão sobre pauta, fontes, web e trabalhadores

BRASÍLIA
2019

RAFAELA MARTINS DOS SANTOS

MEMORIAL DA REPORTAGEM “ÁGUAS CLARAS: O SUFOCO DA LABUTA”
Uma reflexão sobre pauta, fontes, web e trabalhadores

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA
2019

RAFAELA MARTINS DOS SANTOS

MEMORIAL DA REPORTAGEM “ÁGUAS CLARAS: O SUFOCO DA LABUTA”
Uma reflexão sobre pauta, fontes, web e trabalhadores

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Tecnologia e
Ciências Sociais Aplicadas, como requisito
para obtenção ao grau de Bacharel em
Jornalismo no Centro Universitário de Brasília
- UniCEUB.

BRASÍLIA, 12 DE JUNHO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professor(a) Examinador(a)

Professor(a) Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Para minha mãe, por ser minha melhor amiga e apoio constante diante as dificuldades que aparecem no caminho. Por ser referência de caráter e amor.

Para meu pai, que nunca deixou de apoiar meus estudos, e sempre ensinou que conhecimento é fundamental para evoluir.

Para Luana Nunes, que em 2016 foi minha parceira e não deixou que eu desistisse do curso que tanto amo. Gratidão pela paciência e por não soltar a minha mão.

Para meus colegas de turma, pelo companheirismo, brigas, e sorrisos que tornaram o momento da graduação especial.

Para todos os professores, que se esforçaram para me ensinar a contar histórias do presente, com intuito de mudar o futuro.

Ao professor Luiz Cláudio em especial, por ser um grande professor e amigo, que aguentou minhas aflições e ansiedades, e mergulhou neste projeto desde o início. Por me ensinar a amar o ofício jornalístico, principalmente a grande reportagem e seus desdobramentos.

RESUMO

Este memorial se refere à grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta”, produzida com o intuito de gerar reflexão sobre a rotina de trabalhadores que se deslocam de outras regiões administrativas, e do Estado de Goiás para garantir o sustento mensal em ambientes públicos e privados de Águas Claras. O material jornalístico revela a vivência e costumes de pessoas não privilegiadas, que estão inseridas na conjuntura de uma região de média-alta renda do Distrito Federal, através do gênero grande reportagem. Para compor a narrativa, os gêneros literário e interpretativo foram utilizados para garantir proximidade da repórter e do leitor com o tema. Neste memorial, são feitas reflexões sobre a distinção entre notícia e reportagem, sobre o papel das fontes de informação, e opção do ambiente virtual para publicação de tal material, desde o surgimento da *World Wide Web* (WWW ou Web). Em 2016, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, divulgada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), publicou dados relevantes sobre contrastes sociais que inspiraram o tema desenvolvido por este produto jornalístico.

Palavras-Chave: Grande Reportagem. Águas Claras. Trabalhadores. Distrito Federal. Salário.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 O gênero da grande reportagem.....	11
2 Narrativas da labuta.....	14
3 Caminhos digitais.....	18
4 Diário de bordo: nas ruas de Águas Claras.....	22
Considerações finais.....	26
Referências.....	29
Anexo A - Reportagem.....	31
Anexo B - Autorização.....	44

INTRODUÇÃO

Às vésperas de Brasília completar 60 anos, a capital fundada que deveria ser espaço de justiça social, apresenta-se em um modelo de convívio urbano discrepante e edificada sobre paradoxos sociais em período marcado por desigualdade, mesmo em um Estado democrático, e em que os direitos básicos de cidadania seriam resguardados pela Constituição promulgada em 1988. Em relação a níveis econômicos, o Distrito Federal somava em fevereiro de 2019, 314 mil pessoas desempregadas.

Essa distinção ocorreu a partir do momento que regiões administrativas ergueram-se afastadas do centro da capital. Na época, chamadas de cidades-satélites, esses bairros deveriam ser espelho do Plano Piloto da capital. Taguatinga foi a primeira a ser inaugurada. Águas Claras é a 20ª Região Administrativa idealizada e construída. Este memorial retoma o raciocínio para a elaboração de uma grande reportagem sobre uma das regiões de média-alta renda do DF.

Águas Claras, projetada pelo arquiteto Paulo Zimbres foi concebida nos anos 1980 com o objetivo de ser uma cidade verticalizada e metroviária. O nome da região é uma referência ao córrego de Águas Claras que nasce no local, e abastece o Lago Paranoá. A organização urbana seria constituída ao longo do transporte de massa, com construções de até seis pavimentos. Lúcio Costa também imaginou uma espécie de “Plano Piloto” com igualdades e oportunidades correspondentes. Não foi possível, por enquanto. Com 178.823 habitantes, Águas Claras tem a quinta maior população do DF.

Este projeto experimental se refere à apresentação do produto jornalístico “Águas Claras: o sufoco da labuta”, caracterizado como um conteúdo do gênero da “grande reportagem” para o meio on-line. Desta forma, a escolha da pauta teve em conta a ideia de representar os contrastes sociais de Águas Claras. No caso, o cotidiano dos trabalhadores que se deslocam de regiões próximas como Taguatinga e Ceilândia, ou até de outros estados, como Goiás, para a realidade dos moradores que pagam mais de um salário mínimo no aluguel. São experiências distintas, com números distintos, mas que estão lado a lado regularmente. O objetivo deste trabalho não tem como foco os bem nascidos, e traz holofotes sobre aqueles que estão na lida em empregos servis, explorados e invisibilizados.

Publicada no Diário Oficial do Distrito Federal em 17 de dezembro de 1972, Águas Claras obteve autorização para iniciar obras somente nos anos 1970. Com 26 anos de existência e apenas 15 de emancipação, 722 edifícios foram erguidos. O projeto de limitar os prédios a seis andares não resistiu aos apelos dos empresários da construção civil. Três décadas depois, há prédios com mais de 20 andares. A região tem aparência de metrópole. Mas os contrastes estão até nos mínimos detalhes.

Avenidas e alamedas que cortam a cidade possuem nomes inspirados em plantas: Araucárias, Castanheiras, Flamboyant e Ipê Amarelo. E as praças receberam nomes de pássaros: Pardal, Beija-Flor e Tiziu. Além do mais, três estações metroviárias contemplam o local. Arniqueiras, Águas Claras e Concessionárias acompanham o ritmo diário. O problema é que há raras árvores ou pássaros nas avenidas formadas por prédios e movimento permanente de carros.

A reportagem nasce do incômodo com a invisibilidade de pessoas que apenas trabalham no lugar, cujos salários são inferiores ao valor que recebem o mês inteiro, por não terem condições sequer de pagar aluguel de apartamentos em que trabalham ou teriam dificuldades de comprar carros que lavam. O trabalho em profundidade tem a pretensão de provocar reflexões acerca dos privilégios que compõem a região de média-alta renda do Distrito Federal.

A grande reportagem investiga a rotina de 10 trabalhadores que correm atrás de um salário para assegurar que não falte o básico dentro de casa, e para familiares, a partir de atividades desempenhadas em ambientes públicos e privados de Águas Claras. Nesse contexto, a matéria se insere em uma conjuntura que envolve espaço e tempo, desde que a construção de Águas Claras iniciou-se, e assim, abriu portas para novos empreendedores. Além disso, dados e especialistas contribuem com o material publicado.

A postura da repórter foi de observar e entrevistar personagens na cidade de Águas Claras com base nos critérios de noticiabilidade (em um formato de entrevista não-estruturada, utilizando-se de um grupo fixo de perguntas sobre a rotina dos trabalhadores). O estudo imersivo implica na vivência da jornalista a partir do momento que ela se distancia do jornalismo “meramente” informativo, e dos conceitos que regem seu cotidiano. A reportagem é um gênero jornalístico que necessita de habilidade e sensibilidade para que os objetivos principais sejam alcançados.

A ideia de investigar o local próximo ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB de Taguatinga, surgiu após discussões no 5º Semestre do Curso de Jornalismo, na matéria de Edição e Cobertura Jornalística, e por fazer parte da rotina da aluna há aproximadamente dois anos. Após uma busca preliminar nos veículos de comunicação do DF, o olhar para trabalhadores de Águas Claras não aparece como prioridade. A reportagem buscou respeitar os princípios éticos e morais da profissão. Ademais, sua construção é complexa desde a pauta até o resultado final, pois a preocupação em narrar a história tem de ser superior a sensos de julgamento.

Em relação à linguagem utilizada, foram priorizados elementos do jornalismo literário e interpretativo que englobam a narrativa aprofundada para chamar atenção do leitor a um olhar mais humano de acordo com as dificuldades que cada proletário enfrenta. A poética do texto envolve o espectador a refletir sobre diferentes enlaces e faces que uma região contém no Distrito Federal. Águas Claras pode ser vista como um microcosmo da situação do país afora. Na região do levantamento jornalístico a renda per capita é de R\$ 3,3 mil, situação rara para um país em que esse valor é de R\$ 1,3 mil.

O interessante no momento da construção da matéria ocorreu devido ao caminhar pelas duas grandes ruas que cortam Águas Claras (Araucárias e Castanheiras) a procura de fontes. O ambiente movimentado e aglomerado de pessoas que frequentam e moram na região cria um cenário propício para a implantação de comércios e trabalhos ambulantes. Para divulgação do material escrito foi planejado produzir conteúdos para plataforma de jornalismo on-line, a fim de trabalhar uma narrativa que complementasse diferentes formatos de arquivos. Com o desenvolvimento da internet e a adaptação do jornalismo para o meio on-line, fotos, vídeos, hiperlinks e infográficos produzidos pela repórter foram englobados em uma só plataforma. Assim, o conteúdo da matéria teve aparência mais dinâmica e acessível.

Mesmo que a reportagem esteja baseada nos problemas relacionados à desigualdade, falta de estudo e oportunidades igualitárias na sociedade brasiliense, boas práticas e iniciativas bem sucedidas de empreendimentos são citadas para convidar o leitor a refletir sobre diferenças que tornam seres humanos batalhadores. A matéria está dividida por intertítulos para melhor compreensão de cada história. O resultado de tudo isso é um texto que busca trazer um conteúdo diferente do

divulgado pela mídia e, se possível, estimular um olhar mais generoso sobre trabalhadores.

O presente memorial está dividido em quatro capítulos: o primeiro é sobre a relevância do gênero da grande reportagem para o jornalismo. A definição de tal conteúdo está relacionada a detalhes e percepções. O segundo capítulo revela o tipo de linguagem utilizada na reportagem: com elementos do jornalismo literário e do jornalismo interpretativo. O terceiro capítulo define a importância do webjornalismo e elementos que compõe a internet, e fazem diferença no momento da escrita. O quarto capítulo é o diário de bordo que expressa a vivência jornalística nas ruas para observação e construção do conteúdo. Para finalizar, o texto da reportagem produzida encontra-se no apêndice, particularmente para atender futuros leitores no repositório do UniCEUB, e que não tenham acesso à internet.

1 O gênero da grande reportagem

A notícia é prioridade. A reportagem é segundo plano. A notícia mora na superfície, é seca e não prioriza mergulhos. A reportagem mora nas profundezas, é preciso ir além e deixar o conforto de lado. A notícia é urgente. A reportagem carece de tempo para apuração de diversas faces. A notícia pode ser feita dentro de redações. A reportagem necessita do contato. Olho no olho. Notícia significa informação. Reportagem significa solução. O fator espaço-tempo determina qual conteúdo será produzido. O *Manual da Folha de São Paulo*, editado em 1996 por Carlos Eduardo Lins e Silva e Mario Vitor Santos, explica as funcionalidades da reportagem:

Reportagem é o núcleo essencial do jornalismo, deve sempre conter a descrição do fato, todas as versões das partes envolvidas e se possível a opinião de especialistas. O repórter deve sentir e registrar o ambiente para poder relatá-lo. A qualidade do texto final depende, em grande parte, do rigor da apuração. É recomendável que o repórter estude o tema a que a reportagem se refere. (LINS; SANTOS, 1996, p.122).

O jornalismo remonta fatos da realidade. Neste memorial, o gênero “grande reportagem” pretende explicar a rotina de trabalhadores através da matéria “Águas Claras: o sufoco da labuta” que se deslocam de outras regiões para Águas Claras, a fim de garantir a renda mensal. Referência em termos de conteúdos aprofundados e detalhados, a grande reportagem quebra barreiras do cotidiano informacional. O impacto que evoluções tecnológicas causaram a produção jornalística na Era Contemporânea afetou de modo considerável a criação de informações nos veículos de comunicação.

Mas, este gênero jornalístico tem sido adaptado para meios de comunicação on-line dentro das universidades. Com objetivo de encontrar espaço entre as notícias que são entregues de forma sucintas e descontextualizadas na mídia tradicional, a grande reportagem deve ser discutida e executada sempre que possível, já que se trata de uma narrativa não tradicional. Essa é uma das características que assolam a rotina jornalística.

O teor acadêmico do projeto experimental (produto apresentado para conclusão de curso através de documentários, grandes reportagens, podcast e outros para o curso de jornalismo) permitiu a elaboração do material sem cobranças

(como ocorre nas redações), e sem prejuízos editoriais (correções de editores). Desde o início do semestre, a escolha pela grande reportagem se deu através das características propostas pelo tipo de produto que contém fotos, vídeos, hiperlinks, narrativa literária, entre outros. A aluna desenvolveu afinidade com o gênero durante o 5º semestre, e principalmente no 6º semestre durante a construção da revista Esquina (jornal laboratório do UniCEUB). O enfoque humano é base deste trabalho, e pretende gerar reflexões sobre o fazer jornalístico.

Para continuar esta discussão é necessário compreender a diferença entre “grande reportagem” e “reportagem grande”. A reportagem grande deve-se a escrita de notícias extensas, com grandes explicações sobre o ocorrido. Além disso, artigos científicos que discutem ideias, métodos e técnicas são meios viáveis para desenvolver reportagens grandes em meios de comunicação. Desta forma, o conteúdo é denso, mas não contém aprofundamento.

Porém, a grande reportagem utiliza-se de elementos do jornalismo literário e jornalismo interpretativo (assuntos que serão discutidos no próximo capítulo). Ou seja, ao longo do texto informações serão enriquecidas com detalhes através de características sobre fontes e localidades. A narrativa se equipara à literária, mas, não é literatura. A sensibilidade é indispensável. Envolver o leitor é essencial. O caminho percorrido terá como foco a coleta do maior número de documentos, dados e entrevistas possível. O gênero da grande reportagem atinge espaços inimagináveis. Ele pode permanecer na mente do leitor e gerar mudança.

Deste modo, Kotscho (2000) relata que a grande reportagem é elaborada para “explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos”. Porém, ela também representa um grande investimento financeiro, para empresas, e humano para o repórter que deve “mergulhar” no tema proposto. O jornalista precisa sair do conforto e entrar em realidades distintas da que está habituado. A carência de investimento explicaria a falta de priorização para o gênero no país. É trabalhoso, merece atenção e dedicação.

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia, e por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. Deve ficar bem claro, porém, que não basta a paixão. A responsabilidade de quem parte para uma grande reportagem é também muito grande para o profissional. (KOTSCHO, 2000, p.71-72).

Usualmente esta temática é abordada por revistas, jornais e programas de televisão que estão acostumados com *deadline* maior. É o caso da revista *Piauí*. Referência no mercado jornalístico, grandes reportagens são divulgadas mensalmente em plataforma online, e através de tiragens impressas. Assim, a grande reportagem apresenta dificuldades para instaurar-se na rotina dos canais de comunicação que preferem o “furo”, ao aprofundamento.

É interessante citar nesta pesquisa a proximidade que a criação do livro-reportagem possui com a grande reportagem. Etapas de construção como elaboração da pauta, captação de fontes/personagens, redação e edição do texto seguem princípios convergentes. Além do mais, a linguagem segue preceitos literários. A reportagem, segundo Lage (2001a), precisa estar fundamentada em cinco critérios de noticiabilidade: proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade. A relevância e o valor notícia que a pauta obterá, depende da organização destes fatores.

Porém, como o presente trabalho sai em defesa da grande reportagem, vale ressaltar que outros gêneros como o diversional elencado por Nascimento (2009) e o subgênero romance-reportagem, citado por Pena (2006), possuem relevância no fazer jornalístico, e se aproximam do gênero explorado durante este trabalho. Através da linguagem literária, histórias visam antes de informar, entreter e divertir o leitor com detalhes e minúcias. Mas, não trazem ao leitor um aprofundamento eficiente aqui proposto. Veículos de comunicação on-line regulares do Distrito Federal (*Correio Braziliense*, *Metrópoles*, *Jornal de Brasília* e outros) privilegiam gêneros distintos da grande reportagem, conforme se observou de forma preliminar antes da produção da reportagem. O “furo jornalístico” é prioridade atualmente.

O trabalho “Águas Claras: o sufoco da labuta”, conta a história de 10 trabalhadores que foram entrevistados para denunciarem a desigualdade existente em uma das regiões de média-alta renda do Distrito Federal. A partir da grande circulação de moradores, proletários de outros locais, encontram em Águas Claras uma chance. As histórias poderiam render um livro, tamanhas e complexas são as experiências. É necessário para a rotina do jornalista encontrar na sociedade vivências que determinam o que é realidade, e o que é fantasia. E a partir disso, desenvolver conteúdos que tenham influências locais, regionais, nacionais e até mundiais.

2 Narrativas da labuta

O jornalismo literário é harmonia. Mesmo que o tempo passe e a realidade se modifique, a melodia permanece na mente. É mais fácil lembrar-se de uma música ou de um texto jornalístico? Pena (2006) define o jornalismo literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional.” O produto idealizado através da grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” se preocupou em encontrar uma quantidade variada de fontes para que a harmonia das histórias acontecesse de forma imparcial. Nenhum lado deve ser silenciado.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p.14).

A influência da literatura na imprensa começa nos séculos XVIII E XIX. Segundo a classificação de Marcondes Filho (2000) o primeiro jornalismo caracterizado pelo conteúdo literário e político entre os anos 1789 a 1830, e o segundo jornalismo, definido pela imprensa de massa entre 1830 a 1900, determinam o pontapé para a produção do gênero literário. Através de *folhetins*, a convergência entre jornalismo e literatura inicia-se. Em meados do século XVII, nos cafés de Londres, tipógrafos recolhiam informações e fofocas, e depois repassavam. A cultura oral, somada à escrita é a base para construção de conteúdos até hoje. No Brasil, a revista *Realidade* em 1966 criada pela Editora Abril foi o berço da técnica literária em produtos jornalísticos.

A procura por trabalhadores nas principais ruas de Águas Claras (Araucárias e Castanheiras) permite avaliar um dos contrastes existentes na região de média-alta renda. Vale ressaltar que grandes reportagens exigem grandes personagens. Portanto, o questionamento de privilégios e oportunidades de acordo com a classe social é colocado a prova durante a construção do texto. A exposição de histórias impactantes e reveladoras no trabalho de conclusão de curso pretende mostrar ao leitor como a narrativa literária pode ser profunda e detalhada. Neste trabalho experimental, foi possível aprender com essa reunião de histórias e organização de parágrafos. Ela desafia o morador da região a olhar para o lado, mesmo na correria do dia a dia.

Ao longo da reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta”, a aluna percebeu que pouco conhece da cidade onde reside há aproximadamente dois anos. Vivências e falas de trabalhadores se tornaram relevantes. Há um conteúdo feito para eles na mídia. O jornalismo torna-se concreto a partir dos desafios e inseguranças encontrados durante o caminho. Pena (2006) acredita que a natureza do jornalismo está fundamentada no medo. É nesse instante que “transpor limites, superar barreiras e ousar” incentivam na busca por histórias instigantes. Nada deve escapar das anotações. Com o gravador do celular ativo, a repórter se dispôs a escutar personagem por personagem com calma e atenção. Dez trabalhadores de áreas profissionais distintas fazem parte da grande reportagem.

As fontes de informação, segundo Lage (2001b) podem ser divididas em cinco tipos: *oficiais*, *oficiosas*, *independentes*, *primárias* e *secundárias*. Quase todas foram utilizadas para humanizar a grande reportagem. Com exceção da fonte oficiosa e primária. A reportagem não se apegou em entrevistar todos os tipos de fontes de acordo com a visão de Lage (2001b), pois, o foco estava relacionado a documentos e personagens que pudessem evidenciar o contraste existente na região de Águas Claras através da história de trabalhadores (personagem da notícia). O arquiteto e urbanista Frederico Flósculo somou na grande reportagem na posição de especialista.

Oficiais: são pessoas autorizadas a falar em nome da empresa, do órgão, da instituição e da associação. São fontes de enorme credibilidade.

Oficiosas: pessoas ligadas às instituições que repassam informações importantes de bastidores, mas que podem ser confirmadas ou desmentidas por uma fonte oficial. Elas não podem falar pela instituição, pois defendem algum interesse pessoal.

Independentes: 1- personagem da notícia: pessoa que fala por si e vivencia um fato importante para a pauta. 2- ONGs: pessoas que não tem interesse em atacar ou defender um ponto de vista específico. Prezam pela imparcialidade.

Primárias: são órgãos que possuem relacionamento diário com veículos de comunicação. As ocorrências de maior credibilidade se transformam em pautas. Pode evoluir para fonte oficial se houver episódio jornalístico.

Secundárias: 1- Experts: são fontes que não falam em nome de alguma entidade. Especialistas no assunto, elas trazem uma compreensão externa sobre o fato. 2- Testemunhais: pessoas que presenciaram um fato no momento da

ocorrência. É a testemunha mais fidedigna. Porém, os relatos podem estar contaminados por uma parcela emocional, além de ser localizada em uma determinada visão de mundo, ou posicionamento físico do observador no momento exato de um acontecimento.

Ao elencar os tipos de fontes propostas por Lage (2001b) vale ressaltar outro meio de classificação. De acordo com Schmitz (2011), fontes jornalísticas estão divididas em quatro eixos: categoria, grupo, ação e crédito. A grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” utilizou principalmente a fonte individual por relatar sobre a rotina de trabalhadores que estão nas ruas em busca de uma qualidade de vida melhor. Assim, cada personagem ganhou reconhecimento e espaço de fala, mas sem desvinculá-los de uma parcialidade estabelecida.

A fonte individual representa a si mesma. Pode ser uma pessoa comum, uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não fale por uma organização ou grupo social. Chaparro denomina essa fonte de “informal”, por humanizar a narrativa jornalística. Ainda que os experts geralmente se manifestem por si, representam uma especialidade, um conhecimento reconhecido, por isso merecem uma tipificação à parte; assim como a “fonte testemunhal”, por não defender uma causa própria. (CHAPARRO, 2009 apud SCHMITZ, 2011, p.10).

Com base nessas definições, personagens evidenciados pela grande reportagem contaram histórias e vivências específicas. Logo, o julgamento por parte da repórter distanciou-se da narrativa. Por isso, o texto preocupou-se em fugir das amarras da redação e exercitar o princípio que Pena (2006) lista através do conceito da estrela de sete pontas. Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, adquirir visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper com as correntes do *lead*, evitar os definidores primários e perenidade forjam o jornalismo literário.

Além disso, o gênero interpretativo aproxima-se da grande reportagem. O marco inicial deste gênero foi estabelecido com a criação do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil na década de 60. Alberto Dines, jornalista brasileiro é um dos responsáveis pela implantação do jornalismo interpretativo na opinião de Beltrão (1976). Com isso, estudos voltados para este gênero iniciaram-se na década de 70. Paulo Roberto Leandro e Cremilda Medina consideram que antes de Alberto Dines, o jornalismo interpretativo já existia. Na obra

a arte de tecer o presente (1973) eles buscam esclarecer e confirmar estudos sobre o gênero:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da complementação de fatos que situem ou interpretem o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a grande reportagem é interpretação do fato jornalístico. (LEANDRO; MEDINA, 1973, p.23).

Os elementos do jornalismo, segundo Leandro e Medina, são: aprofundamento, antecedentes (temporais, espaciais e o de fato), contextualização e humanização. Portanto, a grande reportagem defendida neste memorial confirma as características do gênero interpretativo. Os autores em questão ainda oferecem dicas sobre como transformar uma notícia em reportagem através de três edições: articular, valorizar o humano no fato jornalístico e aproximar a informação jornalística da informação científica. Falas e histórias da grande reportagem produzida buscam embasamento em dados oficiais e documentos comprobatórios referentes ao Distrito Federal. Portanto, a proximidade entre o conteúdo da reportagem e o gênero interpretativo é visível.

3 Caminhos digitais

A grande reportagem produzida teve como base critérios de noticiabilidade (proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade) para que o conteúdo reunisse valor-notícia, e assim, pudesse ser publicado. Para isso, a repórter pesquisou em diferentes veículos de comunicação on-line do Distrito Federal, matérias relacionadas ao tema proposto neste memorial. A maior parte dos conteúdos jornalísticos sobre a região de Águas Claras referem-se a moradores, empreendimentos e ocorrências cotidianas do local. Assim, a grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” buscou outro viés para agregar nos meios de comunicação, que muitas vezes acabam por publicar matérias repetitivas e com pouca apuração.

Isso acontece, em parte, pelo advento e avanço da tecnologia. A utilização do *World Wide Web* (WWW ou Web) tornou o trabalho jornalístico sobrecarregado e acelerado nas redações. Em decorrência da grande quantidade de informações divulgadas, apurações e conteúdos que levam maior tempo para serem produzidos, estão escassos no jornalismo online brasileiro (salvo exceções). Desta forma, a universidade agrega e contribui para o desenvolvimento de grandes reportagens no âmbito digital. Traquina (2005) revela como o fator tempo é essencial para o trabalho do jornalista:

As notícias são vistas como um ‘bem altamente perecível’, valorizando assim a velocidade. O imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação. Os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão ‘quentes’ quanto possível, de preferência “em primeira mão”. Notícias “frias” são notícias “velhas”, que deixaram de ser notícia. Em termos logísticos, o valor do imediatismo leva ao reforço da importância da capacidade performativa dos jornalistas de uma empresa na montagem da cobertura. (TRAQUINA, 2005, p.37-38).

O jornalismo digital vive uma dualidade. Ao passo que a terceira geração midiática, proposta por autores como Mielniczuk (2003) necessita alcançar leitores e usuários através de elementos convidativos, veículos de comunicação precisam se firmar no ambiente on-line por meio de atrativos diferenciados. O produto desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso buscou utilizar elementos que configuram a nova narrativa proposta na web. Alves (2002) traz uma indagação que

estimulou a construção do conteúdo: “o que podemos fazer, na Internet, com essa matéria que não podemos fazer no jornal impresso?”.

“[...] Para começar, é preciso entender a Internet como um meio de comunicação convergente, que tem a capacidade de absorver características de outros meios, ao permitir a utilização de textos, bases de dados, fotos, áudio, vídeo, etc.” “[...] Estamos apenas na infância da comunicação mediada por computadores. É como se estivéssemos na fase do rádio de galena, aquele rudimentar aparelho baseado no cristal de galena, que só podia ser escutado por uma pessoa de cada vez.” (ALVES, 2002 apud MIELNICZUK, 2003, p.4).

Porém, não é de hoje que a imprensa se preocupa com a velocidade das informações. O avanço tecnológico incorporou e modificou a forma de consumo dos conteúdos, mas também permitiu maior interação e difusão entre o leitor e a reportagem. Assim, a grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” pretende alcançar públicos diversos, e que estejam distantes ou próximos da realidade vivida por trabalhadores que vem de fora, para uma das regiões administrativas do DF garantir o salário. Bradshaw (2014) explica que a imprensa sempre deu importância para o que chamamos de furo jornalístico (imediatismo). Importância esta, que o trabalho analisado pretende afastar-se.

Na era da instantaneidade em rede, suposições sobre o que constitui “ser o primeiro” estão sob pressão. Na medida em que as empresas jornalísticas têm competido em termos de velocidade, estas elegeram as novas tecnologias como suporte para lhe darem vantagem, desde o uso do telégrafo para distribuição de notícias, passando pela editoração eletrônica (*desktop publishing*), até a adoção da tecnologia via satélite pelas emissoras (*broadcasters*). Caso o veículo (*publisher*) não conseguisse ser o primeiro a divulgar a estória, então teria de ser o primeiro a obter a primeira fotografia, a primeira entrevista, a primeira reação, ou o primeiro a fornecer a análise do fato. (BRADSHAW, 2014, p.111-112).

Portanto, o prazo de entrega dos veículos de comunicação é fato cultural e industrial nas redações. A velocidade é algo indissociável no jornalismo. Mas, é notório que a produção on-line encurtou mais ainda esse tempo. O imediatismo é sinônimo de status na Era Contemporânea. Por esse motivo, o gênero informativo ainda domina o jornalismo brasileiro e continua a distribuir matérias rasas e sucintas. Diferente dos veículos de imprensa internacionais que buscam estimular a produção de reportagens aprofundadas (é o caso do jornal *New York Times*).

Assim, a reportagem descrita neste memorial pretendeu distanciar-se da pressão cotidiana para desenvolver conteúdos detalhados e sem fins lucrativos (um dos objetivos que permeia os meios de comunicação de massa espalhados pelo Brasil). A produção de uma grande reportagem gera gastos para empresas, e ocupa um tempo maior do jornalista. Diante disso, elementos presentes no webjornalismo foram escolhidos, a fim de criar interatividade e dinamismo entre o leitor e o conteúdo proposto.

As ferramentas descritas por Palácios (2002) que dão forma ao jornalismo web estão presentes na grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta”. O autor estabelece cinco delas: 1) *Interatividade*: quando o veículo aproxima o leitor do processo de construção do conteúdo, para que ele se sinta envolvido. 2) *Hipertextualidade*: refere-se a utilização de *links* para interconectar diferentes matérias. 3) *Multimídia*: instrumentos utilizados pelas mídias tradicionais que também são utilizados na Web (exemplo: imagem, áudio, texto, outros). 4) *Personalização*: produtos jornalísticos que se adequam às preferências do usuário. 5) *Memória*: permite que o leitor acumule um número muito maior de informações, e de uma maneira mais ágil. A disponibilização imediata de informações se dá em qualquer local que o usuário esteja.

A memória é um fator importante diante da reportagem produzida. Por isso, a autora separou um espaço para discuti-la. Palácios (2014) relata que o jornalismo que conhecemos atualmente não está baseado no fator lembrança. O que foi publicado hoje, amanhã não fará sentido, e assim por diante. Diante da produção de um conteúdo com narrativa literária e interpretativa, a grande reportagem pretende incentivar o leitor a recordar detalhes e dados disponibilizados com objetivo de refletir. O enfoque humano é essencial para a melodia em construção no texto. As histórias devem ficar na memória como uma música.

Assim sendo, temos que dar razão (ao menos parcial e provisória) à Vox Populi, quando afirma que o jornalismo que conhecemos em nossa contemporaneidade, com suas origens históricas na Modernidade, não tem memória. Tomando-se a questão por essa ótica, o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento da rádio, da televisão e da Web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24 horas por dia, sete dias por semana. (PALÁCIOS, 2014, p.89).

O trabalho de efetivação da reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” foi uma tarefa complexa e desafiadora. O pouco tempo que resta para execução do site exige da repórter atenção e criatividade, para destacar elementos convidativos que permeiam a mídia. Além disso, diversas opções de sites acabam por dificultar a decisão (qual plataforma utilizar? quais elementos contêm? o que o site tem como diferencial?). A escolha de cada detalhe que compõe o ambiente virtual criado na plataforma Wix está baseada nas aulas de jornalismo on-line e crítica da mídia. A atividade da produtora de conteúdo apresenta-se repleta de itens dinâmicos, para que a leitura da reportagem não se torne cansativa (já que ela possui cerca de quatorze páginas). Portanto, recursos utilizados foram estudados, pesquisados, criticados e testados para uma experiência satisfatória.

Logo, as ferramentas apresentadas por Palácios (2002) e Alves (2002) tornaram-se essenciais para o desenvolvimento da grande reportagem, e sustentaram a importância de um conteúdo mais completo, e consistente disponível em plataformas on-line. Mesmo que o projeto não tenha utilizado integralmente os mecanismos descritos pelos estudiosos, a reportagem buscou inserir-se no meio on-line, com o objetivo de modificar a repetição de conteúdos postados diariamente sem apurações detalhadas. Por exemplo, gravações desenvolvidas pelo celular permitiram a criação de legendas fotográficas interativas. Ao passo que o jornalismo modificou-se, jornalistas também se modificaram.

4 Diário de bordo: nas ruas de Águas Claras

A grande reportagem começou através de ideias elencadas sobre a região que a repórter mora. Diante da possibilidade de realizar um projeto experimental, monografia ou artigo, a escolha da grande reportagem aproximava-se do que a aluna considera um conteúdo jornalístico de renome. Primeiramente, o foco estava na construção de um site que seria abastecido durante 48 horas com matérias pelas ruas de Águas Claras, com uma equipe de cinco alunos participantes. A partir disso, matérias factuais e não factuais seriam escritas para compor a plataforma on-line que contaria com fotos, vídeos, hiperlinks e outros elementos interativos.

Após perceber que a criação de um site sobre a Região Administrativa de Águas Claras favorece aquilo que é dito normalmente pela mídia tradicional, o tema inicial do produto foi descartado. Porém, o interesse de oferecer um conteúdo que trouxesse contribuições locais, permaneceu. Dar voz a quem não possui é papel do jornalista. Afinal, a rotina que acompanha a cidade acaba por silenciar pessoas que vem de fora para trabalhar, e que nunca teriam condições de morar em Águas Claras. Ao final desta etapa de decisão, a coleta de dados através da Administração Regional de Águas Claras e da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) sustentaram o argumento proposto. Águas Claras representa um dos contrastes existentes no DF.

Águas Claras é um local cercado por regiões administrativas. Areal, Arniqueiras, Taguatinga, Guará e Ceilândia estão próximas, e servem de suporte para Águas Claras que carece de postos de saúde, creches, delegacias para o tamanho de uma cidade-dormitório. Desta forma, moradores precisam se deslocar para conseguir atendimento público de saúde, educação e segurança. No site da administração, dois hospitais oferecem serviço de qualidade: Clínica da Família (Areal) e Regional da Saúde (Taguatinga Norte). Na parte educacional há somente uma opção em Águas Claras para crianças até cinco anos. Este é o Centro de Educação de Primeira Infância – CEPI Jequitibá. Em relação à segurança, o 17º Batalhão de Polícia Militar encontra-se em Águas Claras, mas não atende ocorrências por parte dos moradores. A delegacia mais próxima está localizada no Pistão Sul (21ª Delegacia de Polícia Civil).

A partir disso, a repórter confirmou que as políticas públicas implantadas na região são mínimas, tanto para os moradores, como para a população flutuante

(atenção principal da reportagem). Desta forma, quem seriam os trabalhadores que protegem e garantem o conforto dos moradores de Águas Claras? Após a pesquisa para coleta de dados, o foco da grande reportagem era entrar em contato com fontes individuais que pudessem compartilhar histórias da labuta diária. Doze entrevistas foram agendadas com trabalhadores que estão em ambientes públicos (ruas que cortam Águas Claras), e ambientes privados (condomínios) durante dez dias. Dois encontros não puderam ser efetuados com êxito, pois as fontes não responderam mais. Portanto, dez entrevistas foram agendadas em tempo hábil para a escrita da grande reportagem. Além disso, um especialista (arquiteto e urbanista) colaborou com a grande reportagem. Perguntas foram enviadas por e-mail, e a resposta ocorreu no mesmo dia.

A primeira aconteceu com o auxiliar de serviços gerais Janielson Borges, 25 anos, na copa do condomínio onde trabalha, dia 10 de Abril de 2019. Morador da Região Administrativa vizinha, o Areal, a fonte era desconhecida, mas não teve problema em contar sua história. Com o gravador do celular, momentos marcantes e pertinentes da conversa foram gravados. Para complementar a fala do trabalhador, fotos dos itens de limpeza que o moço utiliza foram tiradas pelo celular.

No dia seguinte, três entrevistas ocorreram com trabalhadores noturnos. Primeiro, o vendedor de salgados Igor Pereira, 23 anos explicou como é a rotina de quem trabalha na porta das faculdades. Com objetivo de pagar a graduação de gestão pública, e dar uma vida melhor para filha, o jovem deixa o Recanto das Emas para trabalhar com sua tia em Águas Claras no ramo alimentício. Logo após a fala de Igor, a empreendedora Alzenir de Brito, 43 anos relatou a história do “Dog da Gabi”. Moradora de Vicente Pires, a moça decidiu comprar uma chapa de lanche quando perdeu o emprego no ano de 2010. Assim, o trabalho evoluiu, e anos depois ela investiu no *foodtruck* que hoje garante a renda da família, e atende alunos de diversas faculdades por Águas Claras.

Estava perto de o relógio marcar meia-noite. O porteiro José Carlos Simão, 50 anos, que trabalha no turno da noite, concedeu entrevista para a repórter. Dentro do condomínio onde presta serviço, José estava sentado na cadeira que permanece por horas para observar as inúmeras câmeras que cercam o local. Porteiro há cinco anos, ele tem sonho de viver da música sertaneja. Mas, o dinheiro que ganhava para trabalhar em casas de show, não era o suficiente para dar conforto a sua família. As

três conversas foram gravadas pelo celular, e registros fotográficos puderam ser executados.

No dia 12 de abril três entrevistas também se concretizaram. Uma pela manhã, outra após o almoço e a última ao entardecer. Após andar alguns minutos a pé na Avenida Castanheiras (uma das vias principais de Águas Claras), a repórter se deparou com a vendedora de marmita Valda Figueiro. Era sexta feira e a região continuava movimentada por trabalhadores da construção civil. Valda relata que eles são os principais clientes. Durante a entrevista o bombeiro hidráulico Antônio Emiliano aproximou-se para comprar o almoço. Ele confirmou o argumento de Valda. Moradora da Arniqueiras, Valda trabalha com vendas alimentícias para conseguir o sustento mensal.

Na parte da tarde, a auxiliar administrativa Karen Kriebel, 48 anos, abriu as portas do escritório que trabalha, no condomínio em Águas Claras. Moradora da Ceilândia, ela se desloca de segunda a sexta de metrô para a labuta. Graduada em pedagogia, Karen não soube explicar o motivo de trabalhar com algo que nada tem a ver com sua formação. Mas, garantiu que o importante é sustentar a casa e a filha de 18 anos, que ainda está sob a responsabilidade da mãe.

Ao entardecer, a chuva não deu trégua aos trabalhadores que estavam nas ruas. Valdir Alves, 39 anos, é dono do lava-jato localizado no estacionamento próximo a Administração Regional de Águas Claras. Morador do Park Way, o homem estava desconfiado no início e pediu para um amigo que trabalha com ele dar entrevista. Mas, o diálogo começou a fluir antes mesmo da gravação. Só assim, ele decidiu comentar sobre o trabalho que realiza de segunda a segunda, das 7h às 18h. Além disso, a chuva não parou. A repórter utilizou guarda-chuva durante o bate papo para não molhar o celular que serviu para registrar. Os três relatos possuem gravação de áudio. Há fotos da marmita que Valda comercializa, e do lava-jato de Valdir.

Somente no dia 15 de abril as entrevistas foram retomadas. Denise Miguel trabalha como babá de duas crianças em Águas Claras. A história da mulher de 25 anos é inspiradora. Por opção da fonte, os questionamentos tiveram de ser respondidos via telefone. Oito perguntas foram encaminhadas para entender sobre o cotidiano da moça. Moradora de Santo Antônio do Descoberto (GO), Denise deixa sua residência em busca de uma vida melhor. Ela encaminhou uma foto que aparece o rosto das duas crianças que cuida. Para colocar na reportagem é de

grande valia respeitar o código de ética da profissão. Assim, a mãe foi contactada, e autorizou a publicação.

Igualmente, porém à noite, o professor e arquiteto e urbanista da Universidade de Brasília (UnB) Frederico Flósculo foi procurado via e-mail pela repórter para responder questionamentos acerca de Águas Claras e sua construção. Após pesquisa em veículos de comunicação do Distrito Federal, e indicação do professor orientador Luiz Claudio, o especialista foi cotado para opinar diante do tema proposto. Trinta minutos após o envio das perguntas, o arquiteto e urbanista respondeu de forma extensa e profissional, sobre conteúdos que ajudaram no momento de criação da grande reportagem.

Para finalizar, a última fonte foi entrevistada no dia 18 de abril. Leandro, nome fictício utilizado para não comprometer o trabalhador, tem 20 anos e contou sobre a realidade das pessoas que ficam em estacionamentos para vigiar, e lavar carros dos moradores de Águas Claras. O jovem relutou para desabafar sobre o seu passado. Mas, a repórter insistiu no diálogo e captou informações importantes para detalhar o comportamento do homem na grande reportagem. Morador de Águas Lindas de Goiás (GO), Leandro tem uma filha pequena, e trouxe grandes preocupações para sua família no tempo que ficou preso.

Ao reunir todas as entrevistas, a repórter buscou informações da assessoria de imprensa da Administração Regional de Águas Claras, a fim de relatar o outro lado da história. Algumas perguntas foram encaminhadas via e-mail, mas não obtiveram resposta. Logo, informações e dados que estavam no site da administração foram utilizados como base para argumentar sobre a vida dos trabalhadores da região.

Como a coleta de dados estava completa, a repórter decidiu começar a escrita da grande reportagem que mais para frente daria em torno de quatorze páginas. A experiência de campo embasou idéias, e palavras desenvolvidas em cada parágrafo. Por isso, o conteúdo não foi iniciado antes de todas as partes serem ouvidas, e as informações confirmadas. Áudios gravados através do celular durante o processo de apuração foram escutados mais de uma vez, para que a veracidade das fontes pudesse ser mantida, sem princípio de julgamento. A contextualização, e o lugar de fala dos personagens respeitaram preceitos éticos da profissão jornalística.

Considerações Finais

Este memorial teve o objetivo de afastar-se das produções informacionais cotidianas realizadas por veículos de comunicação do Distrito Federal de modo raso e sucinto, a partir da criação e apuração da grande reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta”. Elencar a diferença entre notícia e reportagem deve percorrer a vida do jornalista em sua carreira. Após ir às ruas de Águas Claras, e completar a coleta de informações para produção do conteúdo, uma certeza se fixou na mente da repórter: escrever grandes reportagens significa dedicar-se ao gênero mais sofisticado do jornalismo. É admirar cada linha da narrativa. É a oportunidade de modificar-se a cada palavra escrita. É uma opção ideológica.

Com objetivo de esmiuçar a rotina de trabalhadores que se deslocam de outras regiões administrativas, e do Estado de Goiás para garantir o sustento mensal em Águas Claras, a reportagem indagou, durante o primeiro semestre de 2019, diversas fontes individuais dispostas a contar sobre o serviço que exercem em ambientes privados ou públicos de Águas Claras. O primeiro capítulo deste memorial indica, revela e contextualiza a importância da grande reportagem para o jornalismo. Vale ressaltar que a repórter mandou e-mail para a Administração Regional de Águas Claras, para obter posicionamento acerca do tema, mas não houve retorno. Como estudado durante a graduação de jornalismo, apurar todos os lados é essencial.

A mídia tradicional construiu uma visão pré-estabelecida da região de Águas Claras com moradores em foco a partir do jornalismo informativo. Empreendimentos, restaurantes, trânsito caótico, construções civis e outros temas recorrentes favorecem pessoas que residem no local. Após concluir uma pesquisa detalhada nos meios de comunicação que se inserem no DF, a confirmação de tal “achismo” veio à tona. Assim, elaborar uma reportagem com visão ampla, e apoiada nos critérios de noticiabilidade (proximidade, atualidade, identificação, intensidade, ineditismo e oportunidade) sobre pessoas que trabalham em Águas Claras, mas não teriam condições de residir no local, revela um dos contrastes presentes na região de média-alta renda, e distingue-se da visão publicada até hoje nos meios de comunicação.

Desta forma, a universidade agrega e favorece o desenvolvimento de grandes reportagens no âmbito digital. Por essa razão, o gênero literário e interpretativo,

estudados no segundo capítulo do memorial, foram escolhidos como referência para maior compreensão e aproximação do leitor as histórias contadas. Como relatado por Pena (2006) o jornalismo deve “transpor limites, superar barreiras e ousar”. Nesse sentido, a reportagem “Águas Claras: o sufoco da labuta” apresentou um conteúdo inovador e reflexivo, ao relatar o cotidiano de trabalhadores que estão presentes na rotina dos moradores de Águas Claras, e não possuem voz ativa nos veículos de comunicação do Distrito Federal.

A ferramenta web destacada no terceiro capítulo deste memorial tornou-se necessária para a publicação do conteúdo dinâmico e interativo. Elementos que cercam a plataforma digital fazem parte da produção jornalística no século XXI. Alves (2002) levanta um dos questionamentos que estimularam a elaboração da grande reportagem no meio on-line: “O que podemos fazer, na Internet, com essa matéria que não podemos fazer no jornal impresso? É considerável ressaltar, portanto, que o site criado possui fotos, vídeos, hiperlinks, infográficos, áudios e outros itens que somam a parte escrita.

Além das dez fontes individuais citadas, de acordo com a definição de Schmitz (2011) fontes documentais também foram importantes para comprovar o contexto de privilégios que moradores de Águas Claras possuem, relacionados aos moradores de regiões vizinhas. Dados oficiais da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) fundamentaram o enfoque humano do projeto experimental. Além disso, o site da Administração Regional de Águas Claras contribuiu com informações sobre educação, segurança, saúde, e a estrutura da 20ª Região Administrativa construída ao longo de um transporte público de massa que contém três estações metroviárias em funcionamento (Arniqueiras, Águas Claras e Concessionárias).

Com o passar dos anos, a evolução e adaptação ao meio on-line modificaram o fazer jornalístico. Por isso, um dos pontos elencados neste memorial reflete a velocidade de postagem que as informações adquiriram, e o gasto que empresas jornalísticas teriam se o foco estivesse em produzir grandes reportagens. Mas, questionamentos como esses não são novidades. Apresentar o “furo” é algo intrínseco ao jornalismo. E isso ocorre, em parte, pelo advento e avanço da tecnologia. A utilização do *World Wide Web* (WWW ou Web) configura o trabalho sobrecarregado e acelerado em diversas redações espalhadas pelo Brasil. Mas, há

exceções. A revista Piauí citada ao longo do estudo é um exemplo, por convergir com a elaboração do produto “Águas Claras: o sufoco da labuta”.

Logo, outras possibilidades podem ser desenvolvidas após a formação na graduação com objetivo de gerar maior conhecimento e reflexão:

a) no plano audiovisual: produzir um documentário para compreender a rotina de trabalhadores desde o momento que acordam, até a hora que deitam para dormir.

b) no plano jornalístico: escrever uma grande reportagem sobre a vida dos trabalhadores de acordo com o turno de serviço: manhã, tarde e noite.

Desta forma, a repórter precisaria de mais tempo para observar e apurar.

Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso teve o objetivo de investigar e questionar a rotina de proletários, que saem de outras regiões administrativas diariamente e do Estado de Goiás, para garantir o sustento mensal em Águas Claras. A partir da grande reportagem produzida, trabalhadores invisibilizados na região de média-alta renda do Distrito Federal, e que não para de crescer, possuem um conteúdo publicado em plataforma on-line, que explica o esforço e suor diário de dez pessoas em ambientes públicos (ruas de Águas Claras), e ambientes privados (condomínios residenciais).

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014. p.111-136.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001a.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001b.
- LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: o jornalismo interpretativo**. São Paulo: Media, 1973.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo. Hacker, 2000.
- MIELNICZUK, Luciana. **Webjornalismo de Terceira Geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web**. 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33239839420892013900619660266793099419.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.
- NASCIMENTO, Patrícia. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícias**. In: PRADO, Magaly (org.). Volume 2. São Paulo: Saraiva, 2009.
- PALÁCIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate**. (2002) Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.
- PALÁCIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**.Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014. p. 89 -110.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SILVA. Carlos Eduardo Lins; SANTOS, Mario Vitor (org.). **Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo; Edifolha, 1996.
- SCHMITZ, Aldo. **Classificação das fontes de notícias**. UFSC, (2011). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.

Anexo A - Reportagem

Link para acessar a reportagem:

<https://osufocodalabuta.wixsite.com/grandereportagem>

Águas Claras: o sufoco da labuta

Histórias de trabalhadores na região de arranha-céus e que não para de crescer

VÍDEO COM DRONE

Era uma vez uma cidade com renda per capita de R\$ 3.3 mil. Uma raridade para um país em que a renda média é R\$ 1.373 mil. Nas ruas há mais carros que pessoas a passear. Na imensidão de prédios, não há como detalhar/contar os 722 edifícios. Pessoas se encontram e desencontram nos elevadores. Quase não há lugar de tantos carros que disputam espaço. As duas ruas principais que cortam a cidade tiveram seus nomes inspirados em plantas, Arniqueiras e Araucárias. Mas as árvores são raras nesse lugar. A cidade não para. Mas, antes do trabalho o bichinho de estimação é o primeiro a descer. Os comércios ficam abertos 24 horas. Era uma vez esse lugar. Águas Claras poderia ser o cenário privilegiado para 178.823 habitantes. Mas esqueça tudo isso. Esse mesmo lugar é fonte de renda para famílias que vêm de outras regiões administrativas e estados a fim de garantir seu sustento.

Ceilândia, Taguatinga, Areal, Arniqueiras, e Guará são regiões que cercam Águas Claras e ajudam na expansão do mercado de trabalho. Com 26 anos de existência, e 15 de emancipação, Águas Claras tornou-se um local de grande procura por possuir imóveis novos, e com preço menor se comparado ao Plano Piloto. Seu nome é uma referência ao córrego de Águas Claras que nasceu na região e abastece o Lago Paranoá. Sexta feira, dia 12 de abril de 2019, o sol não perdoa quem está nas ruas. A cidade continua com o vai e vem de carros e construções a todo vapor. É possível ouvir o barulho das marteladas e furadeiras a qualquer momento, até mesmo de madrugada. Valda Figueiro, 37 anos, vende marmitas a 10 reais de segunda a sexta. Os principais clientes são profissionais da construção civil, que se esforçam para levantar prédios, mas não conseguiriam morar neles com o salário que recebem.

Moradora de Arniqueiras, RA vizinha entrecortada pelos trilhos do metrô e que está em processo de regularização, Valda começou sua jornada como funcionária de uma profissional que fazia marmitas e só utilizada sua mão de obra como vendedora. O primeiro ano do trabalho foi um sucesso, após isso, ficou doente e precisou parar. Mas, a necessidade fez Valda retornar a sua rotina que dura de 11h às 14h nos dias de semana. Atualmente vem trabalhar de carro e demora 10 minutos para chegar. Porém, nem sempre foi assim. Com a mão estendida em cima do balcão que serve os clientes, ela conta que precisou vir de ônibus várias vezes. “Só existe uma linha que passa aqui, aí demora demais”, relata.

Era aproximadamente meio dia. Valda estava atrás do isopor que contém as marmitas e o suco que acompanha a refeição. Durante a conversa, um homem de blusa branca e calça jeans se aproxima com o intuito de realizar a compra do seu almoço. Antônio Emiliano, 50 anos, é bombeiro hidráulico e se lembra dos ingredientes que tinham na marmita que comeu pela primeira vez. “Carne de gado, arroz, feijão e macarrão”, completa. Ao entregar o dinheiro para Valda e pegar sua feijoada, ele diz que indica a marmita para outras pessoas, e por isso sempre volta desde que comeu a carne de gado. Antônio pegou o troco, atravessou a rua, e sentou no chão para almoçar ao lado do amigo que já estava a mastigar.

FOTO

“Demora uns 40 minutos de ônibus”

As rodovias que cortam Águas Claras, como o Pistão Sul e a Estrada Parque Taguatinga (EPTG) começam a lotar por volta de 7h da manhã. Por causa desse movimento foram criadas as faixas reversas para transportes públicos em horários de pico. As estações de metrô Arniqueiras, Águas Claras e Concessionárias permanecem lotadas até o meio da manhã, 10h30, que é considerado horário de pico. Momento que a maioria dos trabalhadores e estudantes já chegaram em seus destinos. Porém, a realidade de quem pega a BR-020 para atravessar o Goiás e chegar a Águas Claras, Distrito Federal, não é comum para os moradores que saem rumo ao Plano Piloto. Quem sai de Águas Claras não tem a mesma realidade de quem chega ao “bairro dos contrastes”.

A Administração Regional de Águas Claras garante que se preocupa em oferecer uma boa qualidade de vida para os moradores. Além de segurança e lazer, sete opções de instituições públicas para estudar estão disponíveis nos arredores. Mas, dentre essas, somente uma está localizada na própria região. O Centro de Educação de Primeira Infância, CEPI Jequitibá, foi inaugurado em 1º de janeiro de 2016. Desde 2018 atende 136 crianças de até 05 anos, em período integral de 7h30 às 17h30, de segunda a sexta-feira. Os colégios públicos mais próximos são o Regional de Ensino de Taguatinga e Centro de Ensino Fundamental Vila Areal.

A babá Denise Miguel, 25 anos, trabalha sozinha para garantir a educação e o bem estar das duas filhas de sua patroa que reside em Águas Claras. Moradora da cidade Santo Antônio do Descoberto (GO), a 47 quilômetros da capital federal, a babá relata que vai trabalhar de carro, pois consegue pegar carona com o marido, e isso torna o trajeto menos cansativo. Além de todo esforço diário, ela encontra motivação para estudar enfermagem e batalhar com o objetivo de ter um futuro melhor. “Gosto muito do meu trabalho. Sou babá de duas meninas e por indicação de uma amiga fiz entrevista e acabou dando certo. Penso no meu futuro, numa vida melhor.” Universitária de enfermagem, a moça conta que pretende se especializar em neonatologia para cuidar de bebês.

FOTO

Em busca de realizar um sonho, Denise acorda às 5h. A graduação é parte presencial e parte à distância. Nos dias de aula no campus, a moça caminha na ida, e volta de ônibus para o local de trabalho. Ela mora durante a semana no trabalho, e busca recarregar as energias dormindo na casa da patroa. Distante 35 quilômetros de Denise, o lavador e cuidador de carros Leandro* não teve a mesma sorte. Nascido e criado na Ceilândia (região com a maior população do DF), o rapaz tem 20 anos, e é morador da cidade de Águas Lindas de Goiás (GO) por não “poder voltar a sua quebrada”, como diz. Em parceria com o dono de um lava-jato, Leandro trabalha embaixo de uma tenda vermelha e aborda os clientes que passam a pé. Localizado em frente a um shopping de Águas Claras, o estacionamento possui maior rotatividade aos finais de semana.

Além disso, o ativo rapaz redobra a atenção para os carros que entram e saem a fim de conseguir uma gorjeta. Antes trabalhava com obras, mais

especificamente com gesso. Ele explica que fazia casas de gesso, e até mesmo pinturas para conseguir um troco a mais. Na profissão atual, ele está há menos de um ano. Conseguiu o emprego através de um amigo que precisava de ajuda com os carros. A partir disso, foi um dia ao local e não parou mais. Jovem, Leandro tem uma filha de 6 meses para sustentar, mas diz que às vezes gosta e às vezes não gosta do que faz. “Tem dias que são movimentados, e o que aparece pra fazer, eu faço. Mas, às vezes penso em voltar para vida do crime.”

Era por volta de 17h e Leandro estava apreensivo para terminar a lavagem do pátio branco. Embaixo da lona que trabalha, o sol entra e incomoda cada vez mais os seus olhos. Assim, questiono o rapaz sobre a vida que tinha antes, no mundo do crime. Ele conta que sua mãe sofreu demais, que ficava louca, pois ele dava muito trabalho e sempre estava preso. Mas, chegou um tempo que precisou sossegar. Diferente dos amigos que continuam porque acham que essa realidade vale mais a pena do que possuir um trabalho fixo. “Na verdade é como dizem na favela, amigo de verdade a gente conta no dedo”, completa o rapaz, após lembranças tomarem conta de sua mente.

FOTO

Mesmo com pouca idade, a obrigação da casa e as despesas estão em suas mãos. A esposa de Leandro estuda, e não tem tempo para trabalhar. “O que me motiva a vir é minha filha né, a família mesmo. O que tiver que fazer, eu vou fazer”, garante o rapaz que acorda às 5h para dar tempo de pegar o ônibus que demora cerca de 40 minutos a 1 hora, até chegar em Águas Claras. Ele diz que não chega antes das 8h, porque o estacionamento está vazio e sem carros. Mas, depois que começa a labuta, só para por volta das 19h30. Após ganhar uma oportunidade no lava-jato, o jovem disputa o ambiente com outras três pessoas, para garantir a comida na mesa.

“Meu sonho é viver da música”

A vida noturna em Águas Claras é movimentada. A região é considerada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) como um dos locais de classe média-alta, após a publicação da Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios

no ano de 2018. Águas Claras possui bares, restaurantes, farmácias, mercados, e até hospitais veterinários em funcionamento por 24 horas. De acordo com a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes no DF (Abrasel-DF) o setor de bares e restaurantes voltou a crescer em 2019. Cerca de 2,5 mil pessoas foram empregadas desde o início do ano. O segmento está no mesmo patamar da construção civil que ferve no DF, principalmente em Águas Claras.

Mas, há quem ganhe seu sustento para garantir tranquilidade e segurança aos moradores da região administrativa em meio a rotatividade. É o caso do porteiro José Carlos Simão, 50 anos, que trabalha em um condomínio residencial. Vigilante noturno, o moço presta serviço das 19h às 7h. Sua profissão conta com escala de 12 horas de serviço por 36 horas de descanso. José iniciou a carreira na área de serviços gerais, e como porteiro está ativo há 5 anos. Quando trabalhava durante o dia, das 8h às 17h ele buscava complementar a renda em outro tom, como músico em casas noturnas de Taguatinga, onde mora.

No local da labuta, onde não há microfone nem público, José, de terno completo e sapato social redobra a atenção para as 40 câmeras que o condomínio possui. Dentre elas, as duas portarias do prédio, a entrada da garagem, e os espaços de lazer são os ambientes mais vigiados. Sozinho, ele faz a ronda, ajuda moradores que interfonam, entra em contato com o síndico caso haja algum problema, fecha a academia após meia noite, entre outras tarefas que ele decorou como parte de uma rotina que não permite fechar os olhos. Porém, esse não era o seu sonho. Há mais de 30 anos na luta, ele diz que seu desejo mesmo era conseguir viver como cantor sertanejo. “A música enfraqueceu nos bares em relação aos cachês. O salário que entrava era um pouco mais de R\$ 1 mil. E quando você tem família, existe a necessidade de arrumar outra coisa (para trabalhar). Gostaria de viver da música, mas hoje em dia, não dá mais”. Ele continua cantando nos bares e baixinho enquanto verifica se está tudo em ordem no prédio em que trabalha.

Morador da Avenida Samdu Norte, ele demora cerca de 15 minutos para chegar ao local de trabalho sem trânsito, pois se desloca de carro. “Não sei se você sabe, mas carro, quando é velho, a gente chama de condução. Ele me ajuda muito”, destaca o moço enquanto ri do apelido que dá ao seu veículo. Quando o turno acaba pela manhã, ele precisa correr para deixar os filhos na escola. Porém, nem sempre consegue desviar do trânsito. Além das vias principais de Águas Claras estarem engarrafadas, o caminho para Taguatinga também é caótico. Mas isso não

desanima José que gosta de labutar nas madrugadas. “Meu trabalho é tranquilo. A partir do momento que você acostuma, é fácil. A maior dificuldade que enfrento é o sono. Mas, eu gosto muito da calma da noite”. Uma música para os ouvidos.

FOTO

O porteiro não utiliza transporte público para trabalhar, porém essa não é a realidade da maioria dos proletários de Águas Claras. O sistema de transporte coletivo de Brasília está estruturado com 833 linhas. Mesmo que o DF tenha 2.816 ônibus em circulação, a frota que José necessita não passa regularmente, e quando passa, demora o dobro do tempo. “Não dá para esperar 50 minutos da minha casa para o condomínio. E, aos finais de semana, é ainda pior porque demora de duas a três horas”, relata. Os trilhos do metrô que cortam a cidade de Águas Claras, de um extremo ao outro, dividindo os bairros Sul e Norte, não funcionam para todos. José mora na metade da Samdu Norte e o metrô não está acessível para ele.

Além do mais, o funcionário lamenta que não conseguiu terminar os estudos. “Devido à necessidade de trabalhar, parei no segundo ano, do segundo grau. A gente sabe que o salário do terceirizado não é lá essas coisas. Mas, como não estudei para ganhar melhor, não vou reclamar de barriga cheia”. O número de pessoas desempregadas no Distrito Federal só aumenta. Em janeiro de 2019, 308 mil brasilienses estavam sem emprego. Já em fevereiro, o número subiu para 314 mil pessoas, segundo dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). José conseguiu o emprego atual através de indicação.

GRÁFICO DESEMPREGO

“O importante é sustentar minha família”

Max Home, Península, Fernando de Noronha, Atlântico Norte, Montserrat, Maison Exclusive, Atol das Rocas, Lumini, Via Terrazzo, Real Celebration e Riviera dei Fiori são condomínios luxuosos na região de Águas Claras que a maioria dos trabalhadores de empresas terceirizadas, não teriam condições de morar. Apartamentos custam mais de R\$ 1 milhão, e a taxa de condomínio supera o valor

de um salário mínimo. As áreas residenciais contam com o apoio do serviço terceirizado para manter a limpeza e a segurança do local. No momento de dividir as funções e os turnos, o nível de escolaridade é um fator fundamental no ambiente empregatício. A auxiliar administrativa Karen Kriebel, 48 anos, mora atualmente em Ceilândia com a filha de 18 anos. Nascida em Nova Friburgo (RJ), região da Serra Fluminense, Karen veio para Brasília se graduar com o intuito de ter uma vida melhor. Ela concluiu o curso de pedagogia em uma universidade particular em Taguatinga.

Segundo dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2016 (PDAD) em Águas Claras, 53,13% da população possui o nível superior (especialização, mestrado e doutorado) completo. Karen acompanha o nível de escolaridade da região, mesmo sendo moradora de outro local. Após a conclusão do curso de pedagogia, ela conseguiu emprego na área em Organizações Não Governamentais (ONGs), mas a vida tomou outro rumo. Sem saber explicar como e por que chegou ao trabalho atual, que nada tem a ver com sua formação, ela garante que o importante é “conseguir dinheiro para sustentar a casa e a filha”, que são dependentes do salário que ganha. “O salário que recebo não daria para morar em algum condomínio legal aqui de Águas Claras para ficar mais perto do trabalho”, relata a assistente administrativa.

A funcionária se desloca da Ceilândia Sul para Águas Claras de metrô ou de ônibus. Ceilândia foi inaugurada em 21 de março de 1971, e seu nome vem da sigla CEI que significa Campanha de Erradicação de Invasões. A ação foi criada pela esposa do ex governador Hélio Prates para ajudar pessoas como Karen que vinham para Brasília com sonhos de mudar de vida na capital. A avenida que cruza Taguatinga e Ceilândia, denominada Hélio Prates, é uma homenagem a ele. Em 30 minutos, Karen chega para o expediente que começa 8h e termina 17h. Além disso, ela anda cerca de 15 minutos da estação de metrô até o condomínio, que fica um pouco distante. Quando vem de ônibus, o tempo médio é de 45 minutos. Mas, a parada de ônibus que confirma o fim do trajeto é próxima ao local de trabalho. Com escritório próprio e computador, Karen desenvolve suas funções junto ao síndico. “Cuido de toda parte burocrática, pagamento de contas, comunicados, documentação de moradores e de prestadores de serviço, toda parte documental”, completa a terceirizada.

Entretanto, nem todos os terceirizados conseguem trabalhar dentro de escritórios. Vassoura, rodo, panos, luvas e produtos químicos compõem a realidade do Janielson Borges, 25 anos, prestador de serviços gerais em Águas Claras. Através de um amigo que conhecia o dono do estabelecimento de limpeza, Janielson conseguiu o emprego após passar seis meses desempregado. No começo, o trabalho era só um 'bico', mas após dois meses sua carteira foi assinada e o moço pôde respirar aliviado. "Meu trabalho é pesado. Tem dia que tem faxina geral e cansa. Mas qualquer coisa que manda a gente faz", relata o trabalhador. Morador do Areal (bairro com imóveis mais simples, e grudado em Águas Claras), ele costuma ir para o serviço de moto e demora cerca de 20 a 25 minutos. Porém, quando acontece algum problema com o veículo, ele tem que se render ao transporte público e só chega ao trabalho após longa 1 hora e 30 minutos de espera.

FOTO

Mesmo que o Areal fique ao lado de Águas Claras, o transporte ainda deixa a desejar. Como a RA não possui metrô, o deslocamento é mais complicado. O setor habitacional Areal não foi regularizado pelo governo ainda. Mas, a região conta com investimentos na saúde pública e na educação. A parte educacional possui duas escolas públicas, um Centro Infantil, a Creche Irmã Celeste e uma Escola técnica. De acordo com a PDAD 2016, o percentual de pessoas que possuem o ensino superior completo no Areal é de 16,56%. Isso representa cerca de 36,57% a menos que Águas Claras. Já a saúde pública conta com o Centro de Saúde do Areal e uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Para os moradores de Águas Claras, essa realidade é diferente já que não existe escola pública (Ensino Fundamental e Médio) e posto de saúde.

Janielson Borges acha que Águas Claras é um bom lugar para trabalhar. Mesmo que o auxiliar tenha que acordar 6h40 para não se atrasar, permanecer neste trabalho significa garantir as contas em dia, e o futuro de dois filhos. O trabalho também se inicia 8h e termina 17h. Mas, dependendo do final de semana, Janielson não tem descanso. Ele retorna para o condomínio onde trabalha um sábado sim, e um domingo não. Um sábado não, e um domingo sim. "A maioria dos meus amigos trabalham em Águas Claras, aqui é bom para arrumar serviço. E todos estão na área de serviços gerais, fazendo de tudo um pouco", destaca. Mas, ele não

é o único que se esforça para ganhar dinheiro. Sua esposa cuida de idosos que moram no Pistão Sul, bairro da Região Administrativa de Taguatinga.

“Com o salário que recebo daria para morar em Águas Claras”

A vida na cidade de média-alta renda é corrida para a maioria dos trabalhadores que vem de fora. Com o vai e vem de estudantes que frequentam escolas e faculdades, há quem aproveite essa situação para vender lanches, marmitas, e até *fastfoods*. Ao lado do estacionamento de uma faculdade particular, Igor Pereira, 23 anos estende a bancada no início da noite que contém salgados, sanduíches, e molhos para clientes que comprem o produto. Morador do Recanto das Emas, cidade de baixa renda, ele se dispõe a trabalhar de manhã e à noite para receber um salário mensal. Ele paga os estudos com a venda de comida. Na pressa, alunos passam e compram alimentos por 4 reais, que vem acompanhado de um copo de suco ou refrigerante.

FOTO

Na parte noturna, o vendedor fica de 18h às 22h na porta de uma universidade particular em Águas Claras para atender. Mas, pela manhã, o negócio se estende à outra porta de faculdade, localizada no Pistão Sul. Igor cumpre o horário de 6h às 12h. Em parceria com a tia, dona do investimento, ele gosta de fazer o que faz, e consegue pagar a graduação de gestão pública a distância. Além disso, o salário ajuda a custear os gastos com a filha. “Se eu não tivesse filha e fosse casado, o que ganho daria para morar aqui em Águas Claras tranquilo, de ‘boa’, com certeza”, cita o trabalhador. Quando ingressou nos negócios de família, Igor utilizava transporte público e demorava 40 minutos para chegar em Águas Claras. Hoje, de carro, o tempo caiu pela metade. Igor gasta em média R\$ 40 por dia para abastecer o carro em que transporta salgados assados e fritos, e a esperança de vender bem toda noite.

No estacionamento de bita, onde os alunos param os carros da faculdade particular, não há vagas para todo mundo que chega. Igor não sonha estudar em um lugar assim. As aulas noturnas conseguem lotar o espaço. Mas, em meio ao tumulto e lotes abandonados, o *foodtruck* da Gabi chama atenção pelas cores vibrantes.

Assim como Igor, Alzenir De Brito, 43 anos, decidiu empreender no ramo alimentício para pagar suas contas. Alunos e moradores dos condomínios ao redor são os principais clientes que compram o cachorro quente no molho ou na chapa R\$ 6. Moradora de Vicente Pires, Alzenir já foi nomeada para cargos de comissão do governo. Porém, na troca de governo de 2010, ela perdeu o emprego e precisou se ‘virar’. A idéia de comprar uma chapa e vender cachorro quente na frente de faculdades partiu da sugestão de uma colega. Com o tempo, o negócio evoluiu e a moça teve condições de comprar um espaço móvel que logo ganharia as ruas de Águas Claras.

FOTO

O nome do negócio “Dog da Gabi” nada tem a ver com seu nome de registro. O apelido que a moça possui desde a infância era um dos desejos de seus pais, que escolheram por outro na certidão de nascimento, explica enquanto senta no banco que clientes usam para lanchar. A distância de 5 minutos divide a casa do trabalho. Assim, o custo com combustível não pesa no bolso. Atualmente, Alzenir trabalha na Secretaria de Transporte e Turismo, e o marido fica responsável por “tocar” o negócio, enquanto ela administra nos bastidores da cozinha. O dia dela é longo. “O governo regularizou nosso trabalho. Não pode ter mais trailer móvel aqui, tem que ser quiosque. O *foodtruck* atende de 110 a 120 alunos por dia”, relata. O filho fica perto da mãe. O trabalho noturno começa 17h e termina 21h30. Mas, pela manhã, o empreendimento bate ponto no estacionamento da mesma forma de 7h às 11h.

“Águas Claras é um lugar carente de lavagem de carro”

FOTO

Na imensidão de prédios, 58% dos moradores de média-alta renda se transportam de carro para o serviço. Estacionamentos de Águas Claras ficam lotados. Aos finais de semana isso é mais visível. As ciclovias construídas na região não atendem a todos. Carros são prioridades. O conforto é necessário. As ruas não conseguem englobar os automóveis. É preciso esperar horas e horas no trânsito para desembarcar em casa. Essa é a realidade de famílias que ganham acima de

R\$ 3 mil. No calendário, a folha marca 12 de abril de 2019. No relógio de pulso, são 17h. Na nuvem, um sinal de que o trânsito vai espernear até a chegada. Chove em Águas Claras. Carros se deslocam e jogam água em quem está a pé. A chuva não dá trégua. Mas, Valdir Alves, acorda antes das 6h, enche o barril de água, coloca na caçamba de seu carro, e vai em direção aos moradores de Águas Claras para realizar o serviço. Trabalhar na rua para o moço é o que vale a pena. Ele se aperta comigo sob o guarda-chuva para resumir o dia que foi longo.

GRÁFICO TRANSPORTE

Como estava desempregado, Valdir sentia que precisava fazer algo. Antes trabalhava como frentista e encontrou na região a oportunidade de ganhar dinheiro. Aos 39 anos, o moço teve a idéia de abrir um lava-jato. Quando ia para a rua se deparava com esse tipo de emprego, e decidiu começar. Morador do Park Way, Valdir não está em seu melhor momento. O tempo de chuva no mês de abril tem atrapalhado as lavagens. “Quando está sol, não dá para lavar todos os carros que chegam aqui, é um movimento grande”. Em frente à Administração Regional de Águas Claras, o lava-jato de Valdir aproveita o estacionamento público para fazer dinheiro. Os carros ficam parados do lado direito, enquanto ele e três funcionários colocam a mão na massa.

“Águas Claras é um lugar carente de lavagem porque aqui tem muitos carros. Então, não tinha o porquê escolher outra região, as pessoas aqui têm dinheiro”, diz o moço. Valdir gosta do que faz, mas sente falta da regularização. Para ele, a administração deveria apoiar pessoas que tem vontade de trabalhar, pois é algo honesto. Sua esposa também trabalha. Os dois conhecem muita gente por Brasília. “Meu *Whatsapp* deve ter umas 3 mil pessoas. Na época em que minha filha nasceu, eu ganhei muita fralda de cliente. Eles acabam virando nossos amigos,” destaca. Antes de colocar o seu empreendimento perto da Administração Regional de Águas Claras, ele trabalhava no shopping Maggiore.

No espaço antigo, o lava-jato tinha o dobro de funcionários. Após reclamações por parte do shopping, Valdir precisou deixar o local antes que a vigilância fosse acionada. Mas o moço se reinventou. Logo encontrou um lugar novo. A água que ele deposita no barril para lavagem é despejada no lote ao lado do estacionamento que está vazio. Os preços variam de acordo com o tamanho dos

carros. O menor é R\$ 30, enquanto os maiores podem chegar a R\$ 60. Valdir lamenta que o funcionário esteja em ‘segundo lugar’ na mente de alguns clientes. Mas, quando ocorre algum desentendimento, ele prefere resolver no diálogo. “Às vezes, a gente fala e a pessoa não gosta. Dependendo do cliente, tem que saber lidar,” diz o moço.

Trabalhadores estão espalhados pelas ruas que cortam Águas Claras. As avenidas Castanheiras e Araucárias que operam em sentido inverso, também demonstram a grande desigualdade financeira dos que passam por elas. Valdir, Valda, Antônio, Denise, Leandro, José, Karen, Janielson, Igor e Alzenir fazem parte dos 49,03% que possuem emprego remunerado na Região administrativa de Águas Claras, segundo a Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios (PDAD) 2016, mas que não moram em um dos 1.142 lotes construídos. Eles são dez trabalhadores que refletem um dos contrastes existentes no DF, e no Brasil afora.

VÍDEO

“Águas Claras representa a desigualdade de forma humilhante”, diz urbanista

O arquiteto e urbanista Frederico Flósculo entende que a Região Administrativa de Águas Claras traz elementos que misturam contrastes sociais e econômicos. “Águas Claras foi concebida nos anos 80 como uma cidade metroviária, uma organização urbana que cresceria ao longo de um eixo de transporte de massa”. Esse é também o conceito que orientou o projeto de Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília durante os anos 50/60.

Nesse sentido, haveria semelhanças entre o plano de Águas Claras e o Plano Piloto, do arquiteto Lucio Costa. “Devemos considerar que o concurso do Plano Piloto de 1957 foi feito para orientar o início e o crescimento da capital do Brasil. Brasília deveria ter crescido sem as severas desigualdades e disfuncionalidades que passou apresentar na realidade, em seu desenvolvimento histórico. Também nesse sentido, Águas Claras representa a desigualdade de forma humilhante se considerarmos sua acentuada verticalização e a rapidez de seu crescimento nas últimas duas décadas, assim como a qualidade de sua estrutura de serviços e de organização urbana”, afirma Flósculo.

O professor da Universidade de Brasília lamenta que Águas Claras também se tornou evidência do quanto a capital do Brasil não consegue promover a qualidade de vida da maioria de sua população de mais de 2,5 milhões de habitantes. O melhor de sua urbanidade, explica o especialista, está restrito a uma minoria de algumas centenas de milhares de pessoas. Hoje, o Distrito Federal conta com mais de vinte Regiões administrativas em funcionamento para abraçar a população que não consegue morar no berço da capital.

“Um experimento distorcido”

Frederico Flósculo considera que a formação de Águas Claras é um “ganho que se tornou uma perda”, já que seria importante que os novos bairros de Brasília fossem experimentais e criassem “novas urbanidades”. E seria uma perda porque o bairro foi construído sobre mananciais preciosos para o abastecimento freático da cidade e não foi pensado para ter “autonomia econômica e equipamentos públicos que realmente dessem suporte a sua população”.

Como a região de média-alta renda está cercada por locais que possuem políticas públicas eficientes, moradores precisam recorrer às cidades vizinhas. “É um experimento distorcido apesar de aparentemente bem sucedido pelo imenso volume de mercadoria imobiliária que ostenta. Seus ricos vivem em meio a uma grande pobreza de equipamentos públicos, pois Águas Claras não tem sequer um grande hospital público ou uma grande escola pública. O grande centro administrativo público, assim como espaços públicos de qualidade é um bairro angustiado em meio a sua grandeza”.

O especialista considera o projeto original “excelente”, já que seria formado por prédios que não passariam de 6 pavimentos. “Nesse sentido, para mim que sou professor de arquitetura e urbanismo, Águas Claras exemplifica a falta de vontade política do próprio autor do projeto, e de seu grupo político, de assegurar qualidade de vida da população e de enfrentar com rapidez as forças da especulação imobiliária que se mostram destrutivas e oportunistas”.

Anexo B – Autorização

Autorização de imagem concedida pela mãe Cristina Ohashi, para a imagem publicada de suas filhas na grande reportagem, referente ao trabalho de conclusão de curso.

